

## VIOÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHERES RURAIS: INTERFACES DE GÊNERO NA CONCEPÇÃO DE AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE

Jaqueline Arboit\*

Marta Cocco da Costa\*\*

Maiara Carmosina Hirt\*\*\*

Stela Maris de Mello Padoin\*\*\*\*

Isabel Cristina dos Santos Colomé\*\*\*\*\*

Joannie dos Santos Fachinelli Soares\*\*\*\*\*

---

### RESUMO

Buscou-se analisar as concepções de violência doméstica contra mulheres rurais na expressão de Agentes Comunitários de Saúde em dois municípios da região Noroeste do Rio Grande do Sul. Estudo exploratório-descritivo, com abordagem qualitativa e produção dos dados por meio de Grupo Focal e de entrevistas semiestruturadas, no período de julho a agosto de 2013. Os participantes do estudo foram treze Agentes Comunitários de Saúde que desenvolvem suas atividades em áreas rurais desses municípios. A análise dos dados foi realizada mediante a Análise de Conteúdo Temática. Os resultados apontaram que as mulheres que residem no meio rural estão permanentemente sujeitas a diversas formas de violência doméstica, como agressão física e psicológica, sobrecarga de trabalho e privação da liberdade. Considera-se que o Agente Comunitário de Saúde, com o auxílio de outros profissionais da equipe de saúde, possui possibilidades de buscar alternativas de transformação das situações de violência vivenciadas pelas mulheres nesse contexto.

**Palavras-chave:** Violência Contra a Mulher. Violência Doméstica. Agentes Comunitários de Saúde.

---

### INTRODUÇÃO

No Brasil e no mundo, a violência tem sido tema de discussões, estando presente em suas diferentes formas, tanto na área urbana quanto no campo<sup>(1)</sup>. Em se tratando da violência praticada contra a mulher, destaca-se que o domicílio compreende o seu principal *locus* de ocorrência<sup>(2)</sup>.

A violência doméstica contra a mulher é compreendida como qualquer ação ou omissão praticada no ambiente doméstico, familiar ou das relações íntimas de afeto, e que acarrete danos de natureza física, sexual, psicológica, moral ou patrimonial, além da morte<sup>(3)</sup>. Destaca-se que este tipo de violência tem vinculação direta com as concepções de gênero, reconhecido como um componente integrante de relações sociais

alicerçadas em discrepâncias assinaladas entre os sexos e nas relações de poder introjetadas no imaginário social<sup>(4)</sup>.

Como categoria analítica e histórica, o gênero presume entender as relações instauradas entre os sexos no contexto da sociedade a partir das divergências biológicas e sociais entre mulheres e homens, cuja análise permite inferir que a distribuição do poder ocorre de forma heterogênea entre os sexos, em que a figura feminina se encontra de forma naturalizada em uma posição subalterna<sup>(4,5)</sup>.

Situando o cenário rural, as mulheres em situação de violência doméstica residentes nesta área apresentam dificuldades em acessar rápida e eficientemente serviços municipais, estaduais ou federais para atendimento, o que contribui para a ampliação dos índices de violência e a impunidade do agressor<sup>(6)</sup>. Além disso, a

---

\*Enfermeira. Mestranda em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. Membro do Grupo de Pesquisa Cuidado a Saúde das Pessoas, Famílias e Sociedade (GP-PEFAS). Santa Maria (RS), Brasil. E-mail: jaqueline.arboit@hotmail.com

\*\*Enfermeira. Professora Doutora em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Saúde Coletiva (NEPESC). Palmeira das Missões (RS), Brasil. E-mail: marta.c.c@ufsm.br

\*\*\*Enfermeira. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Saúde Coletiva (NEPESC). Palmeira das Missões (RS), Brasil. E-mail: maiara\_hirt@hotmail.com

\*\*\*\*Enfermeira. Professora Doutora em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. Líder do Grupo de Pesquisa Cuidado a Saúde das Pessoas, Famílias e Sociedade (GP-PEFAS). Santa Maria (RS), Brasil. E-mail: stelamaris\_padoin@hotmail.com

\*\*\*\*\*Enfermeira. Professora Doutora em Enfermagem/UFSM. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Saúde Coletiva (NEPESC).. Palmeira das Missões (RS), Brasil. E-mail: enfbel@yahoo.com.br

\*\*\*\*\*Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS. Membro do Grupo de Estudo em Saúde Coletiva (GESC). Porto Alegre (RS), Brasil. E-mail: joannie\_fachi@yahoo.com.br

violência contra as mulheres se agrava em áreas rurais, contextos de adversidade e exclusão, haja vista a distância geográfica da área urbana, o que contribui, dentre outros aspectos, para a invisibilidade desta problemática<sup>(7)</sup>, e, ainda, torna as mulheres do meio rural mais passíveis a atos de violência doméstica.

Considera-se que a Atenção Primária em Saúde, organizada por meio da Estratégia de Saúde da Família (ESF), configura-se como espaço estratégico para identificação de situações de violência contra as mulheres, encaminhamento para serviços especializados e acompanhamento das vítimas de violência doméstica<sup>(8)</sup>, em especial, aquelas residentes em áreas rurais, ao preconizar uma maior aproximação entre os profissionais de saúde atuantes neste serviço e a população de áreas de abrangência definidas.

Sob tal prerrogativa, dentre os profissionais das equipes de Saúde da Família, destacam-se os Agentes Comunitários de Saúde, que possuem contato mais próximo e, por vezes, com laços afetivos mais consolidados com a clientela adscrita. Isso potencializa o estabelecimento de relações de vínculo e confiança, em especial, nas visitas domiciliares. Logo, se constituem atores imprescindíveis no processo de reconhecimento de situações de violência doméstica contra mulheres em áreas rurais.

Frente ao descrito, o presente estudo buscou analisar as concepções da violência doméstica contra mulheres rurais, na expressão de Agentes Comunitários de Saúde de dois municípios da região Noroeste do Rio Grande do Sul. Busca-se proporcionar reflexão crítica, pois esta contribui para a construção de conhecimentos teóricos e para a visibilização de experiências de práticas profissionais sobre a temática no cenário da saúde, e para a criação e inclusão de abordagens de enfrentamento e prevenção da violência doméstica no meio rural.

## METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, cujo cenário foi constituído por equipes de agentes comunitários de saúde (ACS) e da Estratégia de Saúde da Família (ESF) de dois municípios da região Noroeste do estado do Rio Grande do sul, um deles de médio porte e

polo de referência de serviços de média complexidade para a região e o outro de pequeno porte, cuja população é maior no espaço rural do que urbano.

Integraram a investigação 13 ACS, que desenvolvem suas atividades nas áreas rurais dos respectivos municípios. Para a seleção desses, utilizou-se como critérios de inclusão possuir tempo de atuação mínimo de seis meses e estar desenvolvendo suas atividades no período da geração de dados.

Para a geração de dados, optou-se pela técnica de Grupo Focal e entrevistas semiestruturadas, complementarmente. Foram desenvolvidos dois grupos focais a partir de três sessões grupais com subgrupos de ACS. A composição do grupo focal foi pautada na literatura, em que se destacaram duas figuras fundamentais: o moderador e o observador. Ao moderador coube a função de apresentar questionamentos condizentes com os objetivos do estudo, fomentando a participação ativa dos sujeitos na discussão; já o observador teve o papel de assimilar as informações não-verbais manifestadas pelos participantes<sup>(9)</sup>, anotando-as em diário de campo.

As sessões em grupo ocorreram nas dependências das secretarias de saúde dos municípios em estudo e apresentaram duração média de uma hora e meia. Foram guiadas por um roteiro para nortear as discussões, organizado a partir de momentos-chave: abertura (apresentação, informações e contrato de horário); debate; síntese; e encerramento. O registro das sessões foi realizado através do recurso de gravação (áudio), visando uma transcrição de dados fidedigna.

Os encontros foram agendados de acordo com a disponibilidade de cada grupo de ACS e foram elencados os seguintes temas: concepções de violência doméstica na expressão dos ACS; as práticas e ações de cuidado desenvolvidas por estes profissionais diante da violência doméstica contra mulheres residentes em áreas rurais; e fatores que facilitam ou dificultam a identificação e enfrentamento de situações de violência doméstica contra mulheres rurais na sua área de atuação.

A entrevista semiestruturada foi empregada com vistas a complementar os dados obtidos por meio do grupo focal. Estruturou-se um roteiro

guia baseado em questões-problema referentes à pesquisa. As entrevistas foram realizadas em horários previamente agendados, em caráter individual, conforme disponibilidade de cada participante do estudo e gravadas em mídia digital, após consentimento destes, com a finalidade de registrar integralmente as falas, assegurando material autêntico para a análise. A geração dos dados ocorreu no período de julho a agosto de 2013.

Para o tratamento dos dados, utilizou-se a Análise de Conteúdo Temática, a qual está dividida em três fases: pré-análise, em que são analisadas e retomadas as hipóteses da pesquisa; a exploração do material, o qual é classificado por núcleos de compreensão do texto; e o tratamento dos resultados obtidos e interpretação<sup>(10)</sup>.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Maria (Processo nº 17149313.7.0000.5346). Para garantir o anonimato dos participantes, foram adotados códigos para identificação dos seus depoimentos (ACS1, ACS2,..., ACS13). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi utilizado com todos os ACS.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As discussões oriundas da análise dos depoimentos dos participantes do estudo foram agregadas em duas categorias temáticas: *Violência doméstica em cenário rural como resultante das relações de gênero; e Violência doméstica e a relação com o contexto de vida e trabalho das mulheres no âmbito rural.*

### **Violência doméstica em cenário rural como resultante das relações de gênero**

No primeiro núcleo de sentido, identificou-se que a violência doméstica contra as mulheres que vivem em áreas rurais, na perspectiva dos ACS, se refere principalmente ao processo de dominação masculina.

As falas dos ACS revelam que a relação homem-mulher no contexto rural é pautada pelo machismo, autoritarismo e pela falta de diálogo e companheirismo, sendo que a mulher raramente tem a possibilidade de expressar seus desejos e anseios, permanecendo restrita ao desenvolvimento de atividades que gerem

satisfação unicamente ao seu esposo e a família. Isso pode ser evidenciado, a seguir, nas falas:

Eu tenho muitos casos de mulheres que tomam remédio para depressão e você sabe que são problemas na família, falta de diálogo com o marido. (ACS7)

Quando eu vi aquela imagem, a primeira impressão que eu tive é daquele homem machista. A gente vê muito isso. Claro que as pessoas não falam, mas a gente sente. (ACS8)

Nos relatos dos participantes, fica claro que a violência doméstica fundamenta-se no gênero, o qual vem sendo construído socialmente ao longo da história dos povos, em que a figura masculina busca sobrepor-se a feminina a partir do estabelecimento de uma relação de poder e autoridade<sup>(11)</sup>. Estudo aponta que, em se tratando da violência doméstica contra a mulher cometida pelo parceiro íntimo, esta usualmente se manifesta por meio de um modelo cíclico de autoritarismo<sup>(12)</sup>.

Na análise, identificou-se a subjugação das mulheres, compreendida por estes profissionais como uma relação em que o homem é dono da verdade absoluta, em que a mulher assume um papel de aceitação e resignação frente ao que lhe é imposto, inclusive a traição:

Tem marido que só quer que a mulher trabalhe. Quer que a mulher seja escrava dele, do serviço, de tudo. Tem mulher que não tem liberdade para nada. Tem muitas mulheres que precisam fazer algum tipo de cirurgia e o marido não deixa porque elas têm que trabalhar. (ACS3)

Tem umas mulheres que são mulheres de um homem só. E daí os homens são (camangueiros) não usam camisinha e acabam transmitindo doenças para as esposas. E não é só homem novo. É velho também. (ACS6)

Eu acho uma violência muito grande para a mulher a traição. Diz que é uma dor muito grande. (ACS4)

Os depoimentos acima permitem depreender que os esposos comumente praticam o cerceamento da liberdade de mulheres que vivem no rural, anulando direitos fundamentais como a autonomia, mostrando que a problemática da violência constitui-se numa violação dos direitos humanos. Neste sentido, e a partir do pressuposto de que as raízes da violência, nas relações de gênero, situam-se nas

próprias relações entre homens e mulheres, a violência determina um aspecto extraordinariamente negativo dessas relações, revogando-se, desse modo, a “relação entre dois”, e limitando uma das figuras dessa a posição de objeto<sup>(13)</sup>.

Considerando tais situações, a condição de subalternidade que a mulher experimenta devido às construções sociais e históricas de gênero, a torna mais suscetível ao abuso emocional por parte do homem na medida em que não é *sujeito de sua própria vida*<sup>(14)</sup>.

Aliado a essa questão, a traição é reconhecida pelos profissionais em estudo como uma forma de violência contra a mulher rural, estando associada diretamente a vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis - DST. As falas expressam que enquanto a mulher no contexto do relacionamento conjugal se apresenta fiel ao esposo, zelando pelo casamento e pela família, o homem tem relações sexuais extraconjugais sem a prática de sexo seguro, deixando-a em situação de vulnerabilidade às DST/Aids e hepatites virais. Isso reforça o fato de que a violência doméstica de gênero repercute no processo saúde-doença das mulheres rurais e em sua qualidade de vida.

Outro aspecto presente na percepção dos ACS é que muitas mulheres rurais são dependentes economicamente de seus parceiros, e como a maioria possui um nível de escolaridade baixo, se apresentam receosas em deixar o lar e buscar alternativas para obter o seu sustento e dos filhos, particularidade que pode contribuir para a subjugação da mulher e a continuidade da violência, conforme consta no relato a seguir:

Ela não se separa porque não é aposentada. Muitas mulheres depois de aposentadas se separam. (ACS)

Em muitos casos, as mulheres consentem com a violência praticada pelo companheiro, haja vista que não se sentem aptas a enfrentar os riscos e viver sem o apoio financeiro deste, situação que se agrava mais ainda quando o casal possui filhos. Já nos casos em que a mulher se encontra inserida no mercado de trabalho, estas se apresentam autoconfiantes diante desta questão, pois a independência financeira se coloca como um meio basilar para reafirmar a sua auto-estima<sup>(15)</sup>.

Desta forma, muitas mulheres são tensionadas a permanecer suportando diferentes formas de violência, fato este que coloca em evidência as assimetrias sociais e de gênero existentes nas relações entre homens e mulheres, em que predomina o poder da figura masculina.

Os participantes consideram que as mulheres que residem no espaço da ruralidade estão expostas continuamente a diferentes tipos de violência, praticadas predominantemente pelo marido e/ou companheiro, desde a agressão física até a agressão moral, psicológica e sexual. Depoimentos elucidam esse fato:

Toda e qualquer forma de agressão contra mulher, seja verbal, física, ou psicológica, porque às vezes o homem fala mal da mulher e isso é uma forma de agredir. (ACS11)

Violência doméstica é quando o marido chega e agride a mulher e ainda obriga a fazer sexo só pra satisfazer os prazeres dele. (ACS9)

No que tange aos tipos de violência perpetrada por parceiro íntimo contra a mulher que vive no meio rural, menciona-se uma pesquisa cujos resultados corroboram com esses achados, a qual foi realizada com doze mulheres que buscaram a Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher na cidade de João Pessoa. Nesta, verificou-se que as violências do tipo psicológica ou emocional e a violência física são as que ocorrem com maior frequência. Nessa dimensão, o estudo traz que a maior parte das vítimas relatou ter sofrido violência psicológica ou emocional, manifestada na forma de humilhações, insultos e desconsideração. Destaca-se que este tipo de violência tem ocorrência de caráter primário e se apresenta ao longo de todo o ciclo, incorporando-se a essa, com o passar do tempo, outras formas de violência<sup>(16)</sup>.

Outra pesquisa assinalou que os efeitos psicológicos da violência doméstica podem ter consequências mais graves que a violência física, cuja vivência tende a anular a autoestima das mulheres e as torna mais propensas a apresentarem sofrimento psíquico, como depressão, fobia, estresse pós-traumático e consumo de substâncias psicoativas<sup>(12)</sup>.

Nesse enfoque, infere-se que a violência doméstica se mostra extremamente danosa para a vida das mulheres, refletindo negativamente sobre a sua saúde física, psicológica e,

sobretudo, social, levando as vítimas a uma situação de isolamento que se amplia paulatinamente, ao mesmo tempo em tem sua rede de apoio fragilizada, tornando-as vulneráveis e com possibilidades restritas de interromper o ciclo da violência<sup>(11)</sup>.

Os recortes citados permitem inferir que a violência sexual também se faz presente no cotidiano de vida das mulheres que vivem no meio rural. Nesta direção, estudo desenvolvido na cidade de São Paulo - SP e na Zona da Mata de Pernambuco - PE, com 2645 mulheres com idades entre 15 a 49 anos, apontou que 29% das mulheres de SP e 37% de PE relataram algum episódio de violência física ou sexual cometida por parceiro ou ex-parceiro; sendo que as que sofreram estes tipos de violência relataram duas a três vezes mais intenção suicida e tentativas de suicídio do que aquelas que não sofreram, e maior frequência de uso diário de álcool e problemas relacionados à bebida alcoólica<sup>(17)</sup>.

De acordo com o exposto, considera-se que a violência de natureza sexual também apresenta efeitos negativos no que tange ao processo saúde-doença das mulheres em situação de violência<sup>(17)</sup>, sendo fruto das desigualdades de gênero e das ideologias sexistas.

### **Violência doméstica e a relação com o contexto de vida e trabalho das mulheres no âmbito rural**

No segundo núcleo de sentido, evidenciou-se a invisibilidade do trabalho da mulher e os múltiplos papéis que esta assume em cenários rurais, a sobrecarga de atividades a que está sujeita em seu cotidiano, a privação e restrição ao espaço doméstico. Os depoimentos ilustram a situação das mulheres, que se colocam em uma posição acessória e, ainda, precisam cuidar da família de modo incondicional.

As mulheres do interior cuidam da casa, das crianças e vão pra roça com os maridos. Então eu acho que isso também é uma violência. O marido chega em casa, toma banho, pega a cuia e vai tomar chimarrão. E a mulher vai lavar roupa, limpar a casa e cuidar das crianças. Pra mim, isso também é uma violência doméstica. (ACS10)

A mulher tem que acompanhar o marido na lavoura, plantando...Tudo que o homem faz, a mulher tem que fazer. Ai no momento que chega em casa o homem não ajuda ela. Ele sentar lá, se acomoda e pede um chimarrão. E ainda ela tem

que dar conta do almoço para o marido e para os filhos. (ACS2)

Evidencia-se nas falas aspectos intrinsecamente relacionados à divisão sexual do trabalho no meio rural, em que se identifica a secundarização do papel feminino no espaço de produção do conjunto familiar. Uma distinção marcante entre as concepções acerca do trabalho feminino e masculino: enquanto os afazeres domésticos são domínio exclusivo da mulher, as práticas na lavoura são desenvolvidas pelo casal sob a chefia masculina<sup>(18)</sup>.

Considera-se que, no dia a dia da mulher que vive no meio rural, esta se insere em espaços diversos, dentre os quais o da “roça” e o da casa. O espaço da “roça” denota maior relevância à medida que é visto como produtivo – agregando visibilidade e trabalho efetivo – e é gerido pelo homem. A casa, por sua vez, retrata o espaço da reprodução, no qual o lucro resultante do trabalho da roça é consumido, sendo, portanto, o que não gera lucro. Destarte, a casa passa a ser o lugar do não trabalho, representando “ajuda”, no qual se verifica a existência exclusivamente do “serviço”, sendo este o espaço destinado à mulher<sup>(19)</sup>.

O processo de divisão do trabalho, em especial no meio rural, se dá de forma assimétrica e sexista, em que a mulher, ao auxiliar o esposo nas práticas da lavoura, é vista como a “esposa do produtor”, o que é determinante para a invisibilidade do trabalho e identidade profissional feminina<sup>(20)</sup>. Dessa forma, as atividades desempenhadas no âmbito doméstico pela mulher que vive em áreas rurais contribuem para a reprodução das heterogeneidades de gênero e reforçam a falta de independência da mulher através do trabalho e no espaço denominado como produtivo<sup>(18)</sup>.

A imagem da mulher residente em áreas rurais está estreitamente vinculada à sua subordinação ao papel social de mãe, esposa e dona de casa, em que as tarefas domésticas e o cuidado dispensado aos filhos, bem como a outros integrantes do núcleo familiar se constituem como atribuições naturalizadas para a mulher, mesmo quando ela desenvolve atividades no espaço da “roça”. Deste modo, a mulher no meio rural ou urbano acaba por assumir duplas ou até triplas jornadas de trabalho<sup>(19)</sup>.

Diante do exposto, pode-se concluir que, no contexto rural, a violência adquire formas multifacetadas e complexas, e se conforma nas relações sociais estabelecidas no dia a dia dos sujeitos, sendo exteriorizada pela discriminação no que se refere ao domínio e manuseio da terra, e se fundamentando nas assimetrias de poder as quais sustentam as hierarquias de cunho intrafamiliar e social<sup>(13)</sup>. Evidencia-se que uma das consequências da sobrecarga de trabalho da mulher rural se refere à falta de tempo para realizar atividades inerentes ao universo feminino que lhe proporcione bem-estar, o que acaba prejudicando a sua autoestima.

O trabalho eu acho, faz com que ela não tenha nenhum pouquinho de tempo para sair. É uma violência, porque acredito eu, elas tão ali presas em casa [...] aí eu queria ir lá mas eu não posso, tenho leite para ordenhar as vacas. (ACS1)

Hoje em dia é fumo, é vaca. Meu Deus, elas não têm tempo nem pra elas, pra se arrumar. Não podem tirar uma hora pra elas. (ACS4)

Os profissionais entrevistados reconhecem que as mulheres rurais em situação de violência doméstica estão sujeitas a diversas formas de cobranças, proibições e ordens, caracterizadas como situações culturalmente reconhecidas no cotidiano destas mulheres. Considera-se que a banalização das situações acima citadas encontra-se ancorada na construção discriminatória de subjugação da mulher face ao homem, cujas raízes são históricas<sup>(15)</sup>.

## CONCLUSÃO

Este estudo possibilitou analisar as concepções da violência doméstica contra mulheres rurais, na expressão de Agentes Comunitários de Saúde, desvelando, uma pluralidade de compreensões, caracterizando a violência doméstica como construção social,

cujas gêneses se encontra na heterogeneidade de gênero. Os resultados apontam que as mulheres que residem no meio rural estão sujeitas a diversas formas de violência doméstica, como a agressão física e psicológica, sobrecarga de trabalho e privação da liberdade.

Nesta direção, destaca-se a relevância da operacionalização de mudanças nas práticas de cuidado de modo a atender as necessidades em saúde de mulheres rurais em situação de violência doméstica. O agente comunitário de saúde enquanto integrante da equipe da Estratégia de Saúde da Família possui possibilidades para buscar alternativas de transformação das situações de violência vivenciada por estas mulheres, entretanto, requer auxílio de outros profissionais para que isso se torne possível, sendo o enfermeiro, neste caso, um elemento-chave no processo de capacitação dos agentes comunitários de saúde para realizar o reconhecimento de tais situações, bem como os encaminhamentos pertinentes.

Considerando a complexidade e especificidades da problemática da violência doméstica, torna-se necessário o desenvolvimento de abordagens e intervenções interdisciplinares e intersetoriais de modo a garantir a resolutividade do atendimento de mulheres rurais em situação de violência doméstica.

Por se tratar de uma pesquisa a nível local, esta pode não refletir a realidade de outros cenários, visto que os municípios, cenário do estudo, apresentam uma essência originalmente agrícola, porém, se evidencia a necessidade de ampliar as investigações com o enfoque da violência doméstica contra mulheres em contextos rurais, buscando preencher as lacunas teóricas existentes, assim como proporcionar a visibilidade desta problemática.

---

## DOMESTIC VIOLENCE AGAINST RURAL WOMEN: GENDER INTERFACE IN COMMUNITY HEALTH AGENTS' CONCEPTION

### ABSTRACT

It was sought to analyze the concepts of the community health agents about domestic violence against women in the rural area in two districts of the North West region of Rio Grande do Sul. This is an exploratory-descriptive study with a qualitative approach that got the production data through focus group and of semi-structured interviews in the period of July-August 2013. The study participants were thirteen community health agents that developed their activities in rural areas of these cities. Data analysis was performed using the Content Analysis Theme. The results showed that women who live in rural areas are permanently subject to various kinds of

domestic violence, from physical and psychological aggression to work overload and deprivation of freedom. It is considered that the community health agent, with the assistance of other professionals and the healthcare team have wide opportunity to seek transformation alternatives of violence situations experienced by women in this context.

**Keywords:** Violence Against Women. Domestic Violence. Community Health Agents.

## VIOLENCIA DOMESTICA CONTRA MUJERES RURALES: INTERFACES GÉNERO EN LA CONCEPCIÓN DE AGENTES COMUNITARIOS DE SALUD

### RESUMEN

El objetivo fue analizar las concepciones de violencia doméstica contra mujeres rurales en la perspectiva de agentes comunitarios de salud en dos ciudades de la región Noroeste de Rio Grande do Sul. Estudio exploratorio-descriptivo, con enfoque cualitativo y producción de los datos por medio de Grupo Focal y de entrevistas semiestructuradas, en el período de julio a agosto de 2013. Los participantes del estudio fueron trece Agentes Comunitarios de Salud que desarrollan sus actividades en áreas rurales de estas ciudades. El análisis de los datos fue realizado mediante el Análisis de Contenido Temático. Los resultados señalaron que las mujeres que viven en el medio rural están permanentemente expuestas a diversas formas de violencia doméstica, como agresión física y psicológica, sobrecarga de trabajo y privación de la libertad. Se considera que el agente comunitario de salud, con el auxilio de otros profesionales del equipo de salud, posee posibilidades de buscar alternativas de transformación de las situaciones de violencia vividas por las mujeres en este contexto.

**Palabras clave:** Violencia Contra la Mujer. Violencia Doméstica. Agentes Comunitarios de Salud.

### REFERÊNCIAS

1. Jacques PB, Olinda QB. Um olhar da saúde sobre a violência. *Rev Bras Promoç Saúde*. [online]. 2012 [acesso em: 16 nov. 2013]; abr-jun; 25(2): 127-28. Disponível em: <http://ojs.unifor.br/index.php/RBPS/article/view/2220/2445>.
2. Vieira LB, Padoin SSM, Paula CC. Cotidiano e implicações da violência contra as mulheres: revisão narrativa da produção científica de enfermagem. *Brasil, 1994-2008. Cienc Cuid Saude*. 2010 [acesso em: 4 maio 2014]; abr-jun; 9(2): 383-9. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/9173>.
3. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Políticas para as Mulheres. Lei Maria da Penha. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2012.
4. Scott J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educ Real*. 1995 jul-dez; 20(2):71-99.
5. Fonseca RMGS. Gênero como categoria para a compreensão e a intervenção no processo saúde-doença. Programa de atualização em Enfermagem na saúde do adulto. Porto Alegre: Artmed: Panamericana; 2008.
6. Ministério da Saúde (BR). Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra Mulheres. Secretaria de Política para as Mulheres. Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. Brasília (DF): MS; 2011.
7. Costa MC, Lopes MJM. Elementos de integralidade nas práticas profissionais de saúde a mulheres rurais vítimas de violência. *Rev Esc Enferm USP*. 2012 [acesso em: 20 nov. 2013]; out; 46(5): 1088-95. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342012000500008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342012000500008).
8. Schraiber LB, D'oliveira AFPL, França-Junior I, Pinho AA. Violência contra a mulher: estudo em uma unidade de atenção primária à saúde. *Rev Saude Publica*. 2002 [acesso em: 20 nov. 2013]; ago; 36(4): 470-77. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102002000400013&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102002000400013&script=sci_arttext).
9. Westphal MF, Bogus CM, Faria MM. Grupos focais: experiências precursoras em programas educativos em saúde no Brasil. *Bol Oficina Sanit Panam*. 1996 [acesso em: 5 dez. 2013]; jun; 120(6): 472-81. Disponível em: <http://hist.library.paho.org/Spanish/BOL/v120n6p472.pdf>.
10. Minayo MCS. O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12ª ed. São Paulo: Hucitec; 2010.
11. Ribeiro CG, Coutinho MLL. Representações sociais de mulheres vítimas de violência doméstica na cidade de João Pessoa-PB. *Psicologia e Saúde*. 2011 [acesso em: 5 dez. 2013]; jan-jun; 3(1): 52-9. Disponível em: <http://www.gpec.ucdb.br/pssa/index.php/pssa/article/viewFile/81/142>.
12. Day VP, Telles LEB, Zoratto PH, Azambuja MRF, Machado DA, Silveira MB, et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Rev Psiquiatr Rio Grande Sul*. 2003 [acesso em: 30 nov. 2013]; abr; 25(sup.1): 9-21. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-81082003000400003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-81082003000400003&script=sci_arttext).
13. Costa MC. Violência contra mulheres rurais, agendas públicas municipais e práticas profissionais de saúde: o visível e o invisível na inconsciência do óbvio. 317 f. 2012. [tese]. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2012. [acesso em: 25 nov. 2013]. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/49721/0/00851152.pdf?sequence=1>.

14. Andrade CJM, Fonseca RMGS. Considerações sobre violência doméstica, gênero e o trabalho das equipes de saúde da família. *Rev Esc Enferm USP*. 2008 [acesso em: 16 nov. 2013]; set; 42(3): 591-95. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342008000300025&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342008000300025&lng=en).  
<http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342008000300025>.
15. Guedes DO. Violência Doméstica contra a mulher: uma retrospectiva histórica e jurídica com análises relevantes. *Revista Projeção, Direito e Sociedade*. [online]. 2011 [acesso em: 30 nov. 2013]; ago;2(2): 406-11. Disponível em: <http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao2/article/view/117/105>.
16. Fonseca DH, Ribeiro CG, Leal NSB. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. *Psicol Soc*. [online]. 2012 [acesso em: 30 nov. 2013]; maio-ago; 24(2), 307-14. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822012000200008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822012000200008&script=sci_arttext).
17. Organização Mundial da Saúde. Multi-country study on women's health and domestic violence against women: summary report of initial results on prevalence, health outcomes and women's responses. Genebra: OMS; 2005.
18. Barbosa AAN. Mulheres na agricultura familiar do semiárido norte- mineiro: divisão social do trabalho e gênero no projeto jaíba. 2013. [tese]. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2013 [acesso em: 27 nov. 2013]. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/79131/00901908.pdf?sequence=1>.
19. Menegat AS. Mulheres de assentamentos rurais: identidades e trajetórias em construção. In: *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder*; 2008 ago 25-28; Florianópolis (SC): UFSC; 2008. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST17/Alzira\\_Saleta\\_Menegat\\_17.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST17/Alzira_Saleta_Menegat_17.pdf).
20. Perona E. La transformación tecnológica del sector agropecuario em La provincia de Córdoba y sus repercusiones sobre lamujer y La familia rural. *Estud fem*. 2012 [acesso em: 30 nov. 2013]; set-dez; 20(3): 739-60. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/381/38124755008.pdf>.

---

**Endereço para correspondência:** Jaqueline Arboit. Av. Roraima, s/n, prédio 26, sala 1336, CEP 97105-900. Cidade Universitária. Bairro Camobi. Santa Maria (RS), Brasil. E-mail: [jaqueline.arboit@hotmail.com](mailto:jaqueline.arboit@hotmail.com).

**Data de recebimento:** 01/06/14

**Data de aprovação:** 26/01/15